

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

III° FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA

"MICRO-DADOS SOBRE OS MÉTODOS
DE PESQUISA DO ADOLESCENTE"

Irene Rangel de Almeida
E.S.P.E.G.
Insc. n.57

Rio de Janeiro

1973



140

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

III FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA

"MICRO-DADOS SOBRE OS MÉTODOS DE ESTUDO DO ADOLESCENTE"

Irene Rangel de Almeida

E.S.P.E.Q.

Insc. n.57

RIO DE JANEIRO

1973

1 - Visão panorâmica da vida contemporânea

1.1 - A posição da mulher

1.2 - A escola e o mestre

1.3 - A Igreja

1.4 - A vida política

2 - Principais Técnicas de pesquisa do Adolescente

2.1 - As redações

2.2 - As cartas

2.3 - Os diários

2.4 - As autobiografias

2.5 - Os testes sociométricos - O sociograma

2.6 - A entrevista

2.7 - O psicodrama e o sociodrama

2.8 - A Dinâmica de Grupo. A terapia de Grupo

2.9 - O "T-Group"

2.10 -A Psicanálise

2.11 -Os testes

2.12 -Os questionários

2.13 -A Parapsicologia e a Reflexologia

2.14 -A Atividade Artística

3 - Ponto de vista pessoal

1 - O preço do grato privilégio de vivermos na era tecnológica é o da preocupação constante com a posição de ser humano neste contexto conturbado e aberto a perspectivas multi-direcionais, cujo sabor de dúvida e curiosidade, esperança e medo faz crescer a cada dia o estado de insegurança geral.

O tempo é de contradição.

1.1 - Pondo em foco a mulher, nós a vemos numa ânsia crescente de libertação, renunciando mais e mais ao ideal de maternidade, substituindo-o por múltiplos outros ideais. São as circunstâncias econômicas. São as circunstâncias sociais. São os bafos do "Women-Lib", aberto ou velado, diríamos nós. Não importa o mérito da questão. Certo é que, com o troféu da liberdade, ganha-se também ansiedade, pela repressão ou "fuga" do instinto maternal.

Conflito gerando angústia. Progresso gerando insatisfação.

1.2 - Quanto à escola, aí está a sua transformação. O avanço tecnológico trazendo o computador que não falha, o audiovisual e toda uma nova sistematização técnica e programática, para atender ao número crescente de alunos e às exigências da mecânica educacional.

1.3 - Por outro lado e a despeito de tudo, vemos a imagem do mestre, aos poucos, mais desfigurada.

Dividido por quatro ou cinco unidades de trabalho, o "professor-máquina" nem pôde ainda parar para sentir a perda da posição privilegiada de outrora, que, realçando as suas pegadas, possibilitava o processo normal de identificação, hoje abalado, porém básico também na estruturação da personalidade juvenil.

1.4 - No caminho para Deus, as controvérsias religiosas. As reformas da Igreja subvertidas; mudanças externas vendidas como mudanças de essência, gerando o abalo da fé e conduzindo tantos à descrença ou à busca ansiosa de Deus no paradoxo da "filosofia" hippy.

1.5 - Na vida Política, o acesso à conscientização. A luta pelo conforto, pelo desenvolvimento, apagando lentamente as marcas da grande crise. Ao mesmo tempo, a insegurança incurável devido às guerras, os desafios estratégicos à autoridade, os meios de comunicação a serviço da falsa narcotização da angústia.

É assim que vemos o mundo atual: neste espelho de contradições. Ciência gerando progresso. Progresso gerando insatisfação.

E, em meio à complexidade dessa conjuntura, o educador recebe uma Reforma para cumprir - e jovens em massa para educar.

Como atingi-los?... Como auscultar o eco dos gemidos do mundo na sua vida emocional?...

Foi por isto que resolvemos parar para pensar; para rever os meios que melhor nos permitam conhecê-los, partindo da premissa de que sem conhecer não se pode amar. E Magistério é amor. Nada mais.

2- Entre as técnicas mais a nosso alcance para investigação da alma dos jovens, falaremos, inicialmente, sobre as redações.

2.1- Maurice Debesse, na sua obra: "Cómo estudiar a los Adolescentes", faz um exame crítico das confidências juvenis, afirmando que as redações são um meio de estudo da Adolescência, que vem sendo bastante criticado, por razões várias. Comumente, são feitas por imposição. Nem sempre o tema interessa ao aluno. Nem sempre o aluno se sente livre para dizer o que pensa, temendo uma nota baixa ou temendo ir de encontro às idéias do professor. Ao que adicionamos o medo de revelar-se e ser mal sucedido, quando experiências, nesse sentido, deram-lhe a chancela da desilusão.

As redações apresentam-se, assim, limitadas - fato comum a qualquer outro método, quando tomado como meio único de investigação da alma juvenil.

Em que pese a todas as negativas, tudo nos parece estar condicionado à falta de habilidade do professor. Todos nós tivemos experiências decisivas a respeito. Quem corrige esses trabalhos, desconhecendo muitas vezes que na escrita estão em jogo não só a inteligência, mas também a vontade do aluno, não raramente, como se poderia pensar, costuma deformar o pensamento nascente do aluno, imprimindo sobre ele o seu estilo, as suas idéias, através de frases vivenciadas ou de um vocabulário prematuro, sem ressonância alguma na alma do jovem. Isto sem falarmos das críticas negativistas, que, em nome de uma suposta linha literária, cortam o despontar de um estilo, às vezes, promissor, comprometendo o próprio exercício da criatividade, como se já não bastassem para limitar o pensamento, a preocupação excessiva com a correção gramatical e o desejo de agradar, que, com freqüência, mascaram o verdadeiro eu.

"O estilo é o homem" - mas não basta repetir isto. O professor deve obedecer a este princípio, o que não significa que não deva podar, burilar, orientar o pensamento do educando. Educa-se para a liberdade pela responsabilidade dosada, assumida, mas não pela instrução coercitiva.

A título ilustrativo, reproduzo uma redação, quase "in totum", de um garoto de 15 anos, bem como a observação feita pelo seu professor.

"Não vejo mocidade ociosa. Sempre há algo para fazermos. Quando temos que estudar tudo muda. A quella mocidade animada passa a ter uma preguiça espantosa. É o que acontece comigo e muitos outros. De quem é o erro?... Nesse?... Dos

educadores?... O fato é que quando queremos estudar, tudo vai uma beleza, mas o que temos que estudar, simplesmente porque temos, vem para ser esquecido.

Minha opinião é que aprendemos muitas futilidades que poderiam ser algo "extra" acrescentado em nossos conhecimentos, por meio de leituras, filmes, etc. Não viriam por um estudo obrigatório e cansativo.

Não há mocidade ociosa sob os olhos da juventude, mas uma juventude com problemas talvez complexos".

Observação do Professor: "A fazer o que o Sr. sugere, o mundo seria só de loucos !!! "

NOTA : 5,0

Deixo a cargo do leitor o comentário e o julgamento desta observação e deste trabalho, que guardo cuidadosamente como modelos.

Spranger, em "Psicologia de la Edad Juvenil", diz que em nenhuma idade da vida tem o homem uma necessidade tão forte de ser compreendido como na Adolescência, mas que uma verdadeira multidão de circunstâncias dificulta essa compreensão, inclusive o próprio adolescente, que se oculta, recessa, ante os que o rodeiam. Não é a franqueza, mas é a reserva taciturna, é o temor ao contato o traço mais visível que anuncia o despertar psíquico.

Isto evidencia a necessidade do jovem de auxílio psíquico, porém só pelo caminho da compreensão nós o atingiremos, sem nos sentirmos melindrados com sua falsa objetividade, sua fantasia, suas reticências, suas fugas, seus lapsos, seu bloqueio ou verbalismo oculto - ingredientes tão próprios de suas redações.

Se os temas objetivos facilitam quase que somente a avaliação gramatical, os subjetivos, como: "Quem sou eu?", "O meu Ideal", "O amigo que eu gostaria de ter", etc. etc. vão constituir, provavelmente, o melhor método de introspecção provocada, quando sob a direção de um hábil mestre.

Quisessem os professores, bem que poderiam fazer das simples redações escolares um ponto de encontro com o adolescente, uma pista para o labirinto da sua descoberta, um teste de sondagem das suas aspirações, do seu caráter, das suas dificuldades e não apenas um meio de dar nota, de promovê-lo ou reprová-lo, em cumprimento a um programa mais pessoal que propriamente didático.

É de tal alcance o valor do exercício livre da redação, que melhor seria se pudéssemos avaliar esses trabalhos apenas como complementação, motivados só pelo prazer e necessidade de expressão, sem o compromisso com os rígidos conceitos, que bitolam professores e alunos, criando entraves ao que há de mais precioso, que é o desabrochar descontraído do estilo próprio, para os grandes voos da originalidade, da beleza, da verdade.

2.2 Outro método de estudo do Adolescente, que também mereceu muita atenção de Debesse, são as cartas.

Parece-nos obsoleto falar de correspondência nos dias atuais, quando requintados meios de comunicação encarregam-se de aproximar as pessoas, com gran-

des vantagens sobre as cartas. Todavia é válido lembrar que ainda há adolescentes que se correspondem, especialmente no interior.

Assim, as cartas constituem um excelente documento de introspecção espontânea, permitindo uma investigação acurada das implicações afetivas e uma aferição do grau de sociabilidade, além de operarem como detectores de outras situações, que merecerão, por certo, grande atenção da parte do educador.

É preciso assinalar que só poderão ser consideradas para investigação de dados as cartas escritas de adolescente para adolescente, de amigo para amigo e sem temor de violação por parte de terceiros. Aliás, até entre adultos, as cartas, quando escritas para "estranhos" lerem, apresentam-se formais, quase vazias de significação psicológica, sem mensagem para estudo.

Enquadram-se aqui as redigidas em sala de aula, cujo teor chega a ser infantil, ingênuo, contrário ao da redação espontânea, uma vez que põem em cheque o eu, sem disfarce.

Nossos alunos-mestres costumam levantar de imediato um problema, todas as vezes que tratamos das condições para estudo das cartas.

Como obtê-las? - perguntam eles. Seria justo roubá-las, a pretexto de estudo?

Não colocamos isto em jogo. Abordamos o valor da carta em si, da sua constituição psicológica. A preocupação ética parece infundada ou pertinente a escrupulosos. Não se trata de convite à bisbilhotice, mas de descrição de método (quando um médico submete um cliente a exames, não o faz por prazer, mas pelo desejo de curar.)

Das cartas escritas a pedido transcrevemos a de um pre-adolescente de 6ª série, apenas em abono ao que dissemos.

"Professora, hoje a senhora pediu aos seus alunos que escrevessem uma cartinha ao colega, comunicando os nossos problemas. Entretanto eu não posso contar tudo o que sinto, sabendo que a Sra. irá ler. Na verdade, a Sra. frisou bem que nada vai ser revelado. Porém o receio faz com que eu não apresente problemas. Assim, eu sou muito feliz, gosto muito de meus pais, tenho tudo o que quero, aceito tudo o que eles dizem, pois eles estão sempre com a razão. Espero que a Sra. não fique aborrecida e me dê nota boa."

(Na verdade, por se tratar de um pre-adolescente, o eu não pôde esconder-se suficientemente...)

Uma carta típica poderá trazer a problemática cristalizada nas entrelinhas, orientando, assim, o aconselhamento.

2.3- Quanto aos diários, que foram exaustivamente estudados por Charlotte Buhler, Debesse os considera como um documento por excelência, embora os americanos nunca tenham demonstrado igual entusiasmo por esta técnica.

Não nos parece muito animador, nos tempos atuais, dedicar-lhes muita atenção, a ponto de chegarmos a uma sondagem estatística sobre a sua produção. Embora continuem sendo um meio de expressão mental de primeira categoria, numericamente falando, pertencem ao passado. Longe de nós a ousadia de contestar os seus defensores. Também depomos a favor, mas é a louca corrida dos tempos que não nos permite mais acreditar nesses requintes, em matéria de catarse.

Um exemplo singelo é o referente aos diários de viagem. Dispondo hoje em dia de toda sorte de material para registro de nossas emoções e saudades e belezas de outros lugares, não queremos perder em contemplação, parando para gravar as nossas impressões pela escrita.

Como este não é um caso específico de adolescentes, consideremos os diários íntimos, que, apesar de raros, ainda existem.

Debesse aponta as suas vantagens como meio de estudo, dizendo que o adolescente deposita segredos em seu diário, que jamais revelaria a alguém, porque nele encontra um confidente fiel.

Justifica-se o valor dos diários para a Psicologia, principalmente por caracterizarem uma faixa etária. Via de regra, nunca são escritos antes da puberdade, como também nem depois de vencida a adolescência. Todavia, assim como as cartas, os diários abertos quase nunca são os mais reveladores. Talvez se reduzam a "pretensos esboços de dramas ou novelas," instigados pela poetização própria da idade.

Os verdadeiros diários íntimos são de difícil acesso e frequentemente são destruídos pelos seus próprios autores, ao findar esta fase da vida.

Como documento de introspecção, também são limitados, porque há assuntos que não se traduzem em palavras. Há na vida dos jovens momentos indescriíveis de angústia, tensão, satisfação ou mágoa, de suma relevância para a interpretação de sua personalidade, que nem sempre aparecem nos diários. Além disso, refuta-se como penosa e complexa a sua interpretação. É frequente a deformação do pensamento do jovem, considerando-se como representativas certas descrições sem significação alguma para ele.

Os diários são enganosos e, às vezes, resultam meramente da fantasia, levando a interpretações falsas e desastrosas, como no caso de uma garota de um internato, que confessava ao seu diário fatos de graves conseqüências. O diário foi interpretado, tomaram-se as devidas providências, tendo-se, porém, des coberto, posteriormente, que as mensagens nele encontradas não tinham contrapartida na realidade.

Infelizmente, as medidas tomadas já haviam causado danos à autora.

Na obra já citada, Debesse lembra que os fichários dos adolescentes são muito ricos em confidências. Registram o "aqui e agora", com muita frequência, prestando-se, por vezes, mais que os diários, para exame do ado -

6

lescente, porque registram as inspirações do momento, quando não se tem o diário à mão. Quando chegam mais tarde ao diário, já perderam muito da sua força e significação.

Arminda Aberastury parece acreditar muito no valor dos diários, pois arrenata o seu livro "Adolescência", exatamente com uma análise muito rica e interessante de fragmentos do diário de Anne Frank, afirmando que o diário íntimo que alguns adolescentes costumam possuir tem como fim a exteriorização parcial dos objetos e vínculos objetivos internos. Dos trechos transcritos, ela deduz as características mais relevantes da adolescência, embora focalizando o desenvolvimento tumultuado de Anne, passando pelas primeiras mudanças e sensações corporais, repudiando a mãe e refugiando-se na figura idealizada do pai, até a passagem do pai a Peter, buscando neste os traços queridos do pai e descobrindo o amor na "duplicata" do objeto de sua fantasia. Ao superar a crise da idade, as queixas contra o pai, que não aceita o seu crescimento, sua independência, seu novo amor. Mais tarde, a solidão, o vazio pelo passado que perdeu. Sem poder deixar, de vez, a adolescência, em meio ao desalento, seu palpitante desejo de viver, fazendo-a embelezar-se externa e internamente.

"Cada dia me sinto crescer interiormente. Sinto que se aproxima a liberdade".

Conclui Aberastury que o diário de Anne Frank constitui um documento contra a opressão e é uma apologia da comunicação.

2.4 Os trabalhos autobiográficos, que também são excelentes documentos de introspecção provocada, acham-se divididos em dois grupos:

Autobiografias escritas por adolescentes e Autobiografias escritas por adultos.

Devesse agrupar estas últimas em quatro categorias diferentes:

- 1) - As que retratam uma época e não, propriamente, a história de um caráter.
- 2) - As que, paralelamente a um importante relato dos acontecimentos, oferecem um elemento psicológico de igual valia; como as "Memórias" de Chateaubriand
- 3) - As que em nada contribuem para a Psicologia, devido à imprecisão de suas revelações ou carência de informações convincentes, o que não põe em jogo o seu valor literário.

Cita como exemplo as "Memórias" de Lamartine.

- 4) - Finalmente, as que o autor chama de "memórias intelectuais", que são raras, sendo porém as que diretamente contribuem para a Hebelegia.

Exemplifica com a obra de Goethe - "Werther", documento riquíssimo em informações, pela fidelidade e vigor com que descreve os seus anos de juventude.

Neste quarto grupo, supomos poder inserir as "Confissões" de Santo

Agostinho, gênio não menos notável, cujo poder intelectual traz do passado as mais remotas vivências, colorindo-as e reavivando-as com a fidelidade ímpar de sua memória.

É esta acuidade que faz com que alguns desses relatórios se transformem em fontes vivas de informação do pensamento do adolescente, permitindo-nos, através dessa atualização, um estudo bem próximo de suas reais características, conflitos, aspirações ou erros, ressaltando-se, naturalmente, a necessidade de se descontar a madurez da linguagem, o lirismo das cabeças envelhecidas e até a deformidade de certas lembranças, já desbotadas pelo frio dos anos.

É assim que verdadeiras mensagens educacionais são extraídas da simplicidade e simplicidade desse método introspectivo, cujos autores, ao reverem o seu passado, jamais cogitaram em ditar normas à Psicologia da Educação.

Bertrand Russell, por exemplo, testemunha em sua autobiografia o tédio agudo que invade o jovem, quando privado de um meio social próprio e quando não se sente aceito como é:

"...tantas eram as coisas que me eram proibidas, que adquiri o hábito da astúcia, que persistiu em mim até a idade de 21 anos".

"...não me suicidei porque desejava saber mais Matemática..."

Num conflito crônico com seu meio, impotente para revidar, acentua-se o sentimento de revolta do adolescente, jamais perdendo a incompreensão quanto ao seu ideal:

"...não sabia como responder à altura, sentindo-me, apenas, ferido e infeliz".

"...atenta-me sempre um sentimento de desdém, por mais errôneo que isto possa ser, contra todos que me desprezam ou me perseguem".

"...no meu caso individual, dizia que as conseqüências da busca da verdade são menos boas que más".

"...houvesse minha educação sido menos perfeita do que foi, eu seria, provavelmente, assim como sou.

(Vê-se que não é difícil comprovar que certos erros pedagógicos imprimem marcas que perduram por toda a vida, a despeito das glórias.)

Em outros cantos do mundo, outros lembram a sua adolescência. Assim, temos Gandhi revivendo um incidente de sua vida escolar e com isto dando uma contribuição também significativa para o nosso estudo, ao demonstrar a importância da formação recebida nos primeiros anos de vida.

O fato refere-se à visita de um Inspecor Educacional, que dá como teste para a sua classe, algumas palavras homônimas, para serem escritas e soletradas.

Gandhi erra a palavra "Kettle". Seu professor lhe dá sinal com a

8

ponta da bota, para colar da lousa do vizinho, porém Gandhi recusa-se a aceitar.

"...longe de mim poder ver que ele desejava que eu colasse..."

"...eu pensava que o professor estava ali para supervisionar contra a cola".

Assim... todos acertaram, menos ele.

"...sonente eu havia sido estúpido. Mais tarde, o professor tentou mostrar-me isto, porém sem resultado".

"...Eu nunca pude aprender a arte de colar, mas o incidente não diminuiu o meu respeito pelo professor. Eu era, por natureza, cego às falhas dos mais velhos. Mais tarde, vim a saber de muitos outros defeitos desse professor, embora minha consideração por ele permanecesse a mesma, pois eu havia aprendido a obedecer às ordens dos mais velhos e não dificultar as suas ações".

A interpretação dos relatórios autobiográficos, como ocorre com as outras técnicas, impõe também condições. Spranger diz que "em nenhuma época de nossa vida esquecemos tanto como nos anos da puberdade, em que pese a importância que nos parecem ter as tormentas e lutas dessa idade.

Assim, fica na lembrança não tanto do verdadeiro ritmo da vida interior, como das emoções de outras idades. Conservamos regularmente uma imagem tão pouco fiel de nossa própria puberdade, que, inclusive os melhores conhecedores da vida, sentem que os anos da evolução juvenil são para eles um grande enigma".

Temos que fazer, portanto, esta restrição, que vem limitar muito os objetivos do método.

Percorrendo ainda o doce caminho da literatura, temos o segundo grupo de trabalhos autobiográficos. São os dirigidos.

Apresentam grandes vantagens, como método de pesquisa e são de fácil aplicação pelo professor. São incentivadores, por si mesmos. Representando, quase sempre, uma novidade, não encontram muita oposição da parte do adolescente. Este olhará o trabalho quase exclusivamente pelo ângulo literário, poético.

Para a obtenção de bons resultados, a técnica tem que atender a determinados requisitos.

Não é tema que deva ser repetido várias vezes, nem que deva ser desenvolvido a pedido de muitos professores. A supervisão pedagógica, quando funciona, é altamente valiosa, justamente por evitar esses encontros de trabalhos.

Não se deve exigir esse tipo de relatório de um aluno ainda desambientado à escola, ainda sem um bom relacionamento com o professor. Isto favoreceria a fuga, defesa ou desatenção ao trabalho.

Afim de se evitar que o aluno se perca no relato ou se alongue em descrições insignificantes para o objetivo da pesquisa, deve-se orientar o trabalho do aluno através de um roteiro, conforme ensina o Professor H. L. Lippmann, em suas aulas de Psicologia da Educação.

O roteiro poderá constar de duas partes:

- 1) Dados objetivos - por sugestões, o aluno é conduzido a elaborar um depoimento resumido de suas experiências com a família, na escola ou no meio profissional, se for o caso, bem como em relação aos amigos, parentes, vizinhos, etc.
- 2) dados subjetivos - encaminhando-se o aluno para uma introspecção mais rigorosa, a fim de falar de seus gostos, hábitos, aversões, aspirações, conflitos, valores, etc.

O roteiro poderá ser colocado sob a forma de diálogo.

Exemplificando:

"Qual foi o momento mais feliz de sua vida? E o mais doloroso? Qual o traço de caráter que você preferia não possuir? Qual é a sua melhor qualidade? Qual o tipo ideal a quem você procurou imitar?"....etc.....

Concluindo, diremos que esta técnica também não se apresenta com a pretensão de infalibilidade. Confidências provocadas também podem ocultar ou distorcer a realidade; recomendando-se, pois, a sua complementação, sempre que usadas como meio de análise.

É um lugar comum, porém elucidativa, a idéia dos "três eus"; podemos dizer com William James, que o "eu" profundo nem sempre corresponde aquele "eu" que externamos, como nem sempre se identifica com o "eu" que julgamos possuir.

2.5 - Observando as crianças brincarem, nos jardins públicos de Viena, após a primeira guerra mundial, J. L. Moreno inspirou-se para criar as técnicas sociométricas, cuja finalidade é o estudo da interação do indivíduo com o seu grupo social.

O Sociograma, por exemplo, é um método simples, mas que se aplica só a um grupo estruturado; grupo cujos componentes tenham um certo conhecimento mútuo e visem um objetivo comum.

A sua finalidade consiste em descrever as atrações e rejeições existentes entre esses indivíduos.

Na opinião de Havighurst, em "Psicología Social de la Adolescencia", a felicidade e o êxito na vida estão condicionados, em grande parte, às escolhas que realizamos: escolha de profissão, escolha de amigos e pessoas com quem nos associaremos no decorrer de nossas atividades, escolha de

valores.

Acrescenta o autor que essas escolhas são de uma importância e de grandes conseqüências para o adolescente, como são importantes as escolhas que as outras pessoas efetuam em relação a ele.

Pesa muito para o adolescente o conceito dos outros a seu respeito: se o admiram, se o ignoram, se o rejeitam, se o escolhem, enfim, a sua imagem dentro do seu grupo.

Os autores de "Liderança e Dinâmica de Grupo", Beal, Bohlen e Raudabaugh advogam isto, afirmando que o comportamento do indivíduo é muito influenciado pela forma com que o grupo reage à sua pessoa; e aquele que tem confiança em si, que sabe possuir qualidades, normalmente se destaca nas atividades grupais.

Quanto às condições requeridas para a aplicação deste método, a primeira seria o bom relacionamento entre aplicador e membros do grupo.

A mecânica é conhecida. Pede-se para que cada um escreva num papel o nome de dois ou três colegas com os quais gostaria de realizar uma excursão, participar de uma representação do colégio ou de uma outra atividade qualquer.

As perguntas estarão condicionadas, naturalmente, ao tipo de grupo com o qual se vai trabalhar. Do diagrama levantado com os dados obtidos, partiremos para a definição analítica do inter-relacionamento da classe.

Lembramos que o sociograma deverá ser repetido depois de algum tempo, dado o dinamismo da vida grupal.

As vantagens decorrentes desta técnica já foram muito decantadas, pois ela identifica os líderes do grupo, os sub-líderes, os rejeitados, os isolados, as relações recíprocas, os sub-grupos - identificações estas de grande relevância, visto que virão, certamente, desfazer possíveis falsas impressões sobre esse grupo, virão possibilitar uma reorganização das equipes de trabalho, bem como dar pistas para a investigação de outras questões, como as de ordem disciplinar e permitir uma reconsideração da maneira de tratar determinados alunos.

Faz-se necessário lembrar que o sociograma nos dá como que um mapa da classe, mas não as causas do inter-relacionamento existente entre os indivíduos que a compõem.

Também se faz necessário lembrar que esta técnica já está sendo considerada por alguns como ultrapassada. Manifesta-se já maior preferência para o aproveitamento dos grupos e sub-grupos formados espontaneamente, ao sabor da dinâmica natural da classe, sem a preocupação com o registro, ainda que transitório, de determinados relacionamentos.

Quanto ao líder, acreditamos haver flutuações, bem como em relação a relacionamentos recíprocos; daí se concluir que o aproveitamento das indicações do sociograma poderiam levar ao congelamento algo que se caracte-

riza, exatamente, por uma instabilidade bastante acentuada.

2.6 - Uma vez que o sociograma apenas registra as relações existentes num determinado grupo, o professor deverá completar esta pesquisa com outras técnicas, sendo muito indicadas para isto as entrevistas - técnica que não se reduz a uma simples complementação do sociograma.

A entrevista constitui, por si mesma, o método mais econômico, mais funcional dentro do quadro técnico de sondagem e aconselhamento do adolescente. Através dela, o mestre poderá desfazer laços negativos existentes entre ele e o grupo ou existentes entre os diversos elementos que compõem esse grupo, restabelecendo assim uma união mais amiga, mais fraterna, mais construtiva, tão necessária para o crescimento do grupo.

Desfazer falsas impressões é para nós um dos pontos mais altos da entrevista, pois, como diz Krickemans, "muitas vezes o jovem concretiza a idéia que o educador faz dele."

Deslindando esses problemas de relacionamento, é comum descobrirmos que a agressividade, a insolência de determinado aluno está se manifestando pelo seu desajustamento aos padrões culturais do grupo; que a agitação de outro é apenas um pedido angustiante de atenção e amor; que a apatia de um terceiro nada mais é que couraça protetora pelo medo à rejeição.

Importa ainda sabermos que a entrevista é complemento indispensável de quase todas as técnicas e que, por si só, é capaz de resolver situações das mais complexas.

Com a aparência de simples "encontro" ou "bate-papo", resume-se, contudo, num método de aplicação complexa.

Para obter resultados, a entrevista deve ser cuidadosamente planejada. O entrevistador deverá evitar o formalismo, o trato protocolar, o excessivo rigor e a insistente indagação, que sempre transpira curiosidade e indiscreção. Deverá fazer o aluno sentir-se aceito e compreendido, porque sem estar confiante e descontraído, ele não sairá de sua "casca", nem aceitará ajuda, orientação.

A perspicácia, a boa capacidade de observação, a paciência para ouvir, o desejo de ajudar, o gosto pela profissão é que vão determinar as normas para as entrevistas. Não há padrões fixos, pois não há dois encontros iguais.

A primeira entrevista é sempre a responsável pelo êxito dos trabalhos; ganha-se o aluno ou perdem-se as coordenadas para a sequência da orientação.

O aspecto de "Inquisição" dado ao encontro, o ar de surpresa,

de susto, de decepção, assim como a quebra do sigilo da parte do orientador podem anular, definitivamente, todo o planejamento do trabalho.

Ruth Scheffer, em "Aconselhamento", assinala como objetivos da entrevista, apresentar sugestões, aconselhar, interpretar o significado do comportamento do aluno, despertando-lhe o sentimento de autoconfiança, sem apressar o término do encontro, pois muito importante é a vivência interior de aceitação, demonstrada pelo orientador.

2.7 - "Em passante", cabe aqui uma referência ao psicodrama e ao sociodrama, métodos de análise, também criados por J. L. Moreno, cuja terapêutica fundamenta-se em representações, tendo-se como atores os próprios pacientes.

Individualmente, tratando-se do psicodrama e, em grupo, no caso do sociodrama, a dramatização realiza-se como se fosse num palco, mas sob a batuta de um analista, que vai permitir a liberação da carga emocional e agressiva dos indivíduos com problemas de ajustamento.

Tendo-se em vista a solução de problemas de relacionamento social, esses processos psicoterápicos têm o seu valor.

Talvez possam resolver satisfatoriamente e, até com certa rapidez, problemas como o do patrão que não se entrosou com o empregado ou da esposa que em certas situações se incompatibiliza com o marido ou ainda do branco que não aceita o preto. Situações variadas, numerosas.

Todavia, estamos interessados em focalizar o professor e sua escola, mas neste setor cresceriam as limitações destes métodos, dado que, só um "B.O.E." super qualificado poderia aplicá-los.

Além disto, é mister assinalarmos que muitos, hoje, admitem estes processos como obsoletos, alegando que existem práticas mais modernas e de efeito mais compensador, que exigem menos do paciente e que já se acham difundidas.

2.8- Nesse sentido, faremos algumas considerações sobre o que se denominou "Dinâmica de Grupo".

A grande ênfase dada atualmente à vida em grupo pelas ciências sociais vem modernizando, como consequência, quase todos os métodos de estudo e de trabalho, no mundo todo.

Fala-se ainda tanto em "dinâmica de grupo", por todo lado, que a expressão já parece estar alcançando a popularidade e o desgaste de uma "cocacola", fato nem sempre vantajoso para atividades mais sérias.

Temos observado o seu largo emprego, com vistas à informação didática, permitindo-nos arriscar a concluir que já se chega a um verdadeiro abuso da técnica, em algumas salas de aula.

Sem um conhecimento mais rigoroso de seus limites, pretendendo alguns ensinar tudo pelo novo método, temos tido como resultado a fragmentação de noções, de doutrinas fundamentais, com o consumo das escassas horas-aula, em meros "papos", às vezes, vazios e mal acabados.

Felizmente, sabe-se que a "coqueluche" é passageira, tudo indicando que caminhamos para um uso mais adequado, mais moderado do método.

Baseia-se esta técnica na interação do grupo⁴ tem suas raízes em Kurt Lewin, que, ao verificar que as atitudes diretas que se tomam no sentido de modificar o indivíduo, no seu modo de pensar e de agir, geram angústia, atingindo a idéia de fracasso. Daí ter concluído ele que, quando se conduz a isto pela provocação indireta das transformações afetivas, realizam-se mudanças comportamentais de maneira mais tranquila e positiva.

Evidentemente, a técnica da "dinâmica de grupo"⁷ apresenta vantagens. Aplicada à formação, visa corrigir e aperfeiçoar o relacionamento humano, embasada na idéia de que o indivíduo não vive sem o grupo e que a força do grupo acarreta numerosas conseqüências para ele e para o próprio grupo.

Entendendo-se, pois, à área formativa, o esquema técnico conduzirá o indivíduo à modificação do seu comportamento, pelo conhecimento das suas atitudes em relação aos demais e pelo conhecimento dos motivos que determinam as mesmas. Não sendo abertamente forçados a isto, os componentes do grupo acabam por fazer uma auto-análise, com naturalidade, resultando daí as modificações desejadas do comportamento.

J. Klein, em "O Trabalho de grupo", assinala que muita gente funciona mal em grupo, unicamente por maus hábitos adquiridos em anos de interação sem reflexão ou previsão. E esses maus hábitos poderão ser corrigidos dentro de um esquema técnico, porque seu efeito pode ser aí demonstrado e discutido.

Uma das modalidades mais simples do método é a empregada pelos orientadores, tendo-se em vista o entrosamento e o aconselhamento numa sala de aula. O orientador insere-se no grupo, quebrando a atmosfera de formalidade e, depois de feitas espontaneamente as apresentações de uns pelos outros, vão-se levantando as qualidades e os defeitos de cada um e do grupo em geral.

Ao orientador cabe conduzir o andamento das apresentações, controlando, da melhor forma possível, a situação dos rejeitados e dos isolados.

Tudo será discretamente registrado por ele e, promovendo novos encontros, ele colherá novas informações, intensificando o seu relacionamento e conduzindo o grupo às melhores soluções dos problemas existentes.

Múltiplas dificuldades de ajustamento social, como a competição pela liderança, o retalhamento do grupo em sub-grupos que se agridem, o retraimento, a marginalização de alguns elementos, os vícios, os conflitos de muitos, enfim qualquer problemática do grupo, em si, prejudica o rendimento escolar e o

crescimento psíquico, clamando, deste modo, por uma atuação imediata do educador, a qual será satisfatoriamente concretizada através de uma "Dinâmica" devidamente aplicada.

A "Discussão em Grupo" é também outra modalidade decorrente do estudo do dinamismo grupal, que teve como precursor W.R. Bion, que considerou o grupo como uma "unidade psicológica", isto é, como se fosse uma pessoa única, discutindo assuntos vários. Desenvolve-se o tratamento tendo-se como base a aplicação da psicanálise freudiana. Todas as atitudes, reações, tendências, preferências, hábitos, mecanismos inconscientes dos participantes serão cuidadosamente anotados e detalhadamente analisados.

Os debates são livres e dá-se grande importância à dinâmica por eles provocada.

É uma técnica largamente difundida, por ser relativamente econômica, mas como se destina à análise sócio-psicológica mais profunda, não é técnica para sala de aula.

2.9- Diferindo dessa forma psicoterápica, temos uma nova aplicação da Psicologia de Grupo no "Sensitivity Training" ou "T-Group", técnica germinada nos E.E.U.U., nos idos de 47, que se destina a indivíduos normais e visa melhorar as condições de convivência social.

O "Training" aplica-se a um grupo pequeno, que pode ser ou não homogêneo. Do conhecimento dos próprios hábitos, sentimentos, motivações, etc., como também do impacto, das reações que as atitudes de cada um causam no resto do grupo, emerge uma nova concepção do próprio "eu", que vai permitir a cada um o desenvolvimento, o aprimoramento de sua capacidade de participação na vida grupal. A criação de um ambiente artificialmente favorável possibilitará os novos "insights" sobre o "eu" e sobre os outros.

O "T-Group" tem passado por variações. Fela Moscovici, em Laboratório de sensibilidade, refere-se ao "Grupo-T" instrumentado, que diverge do grupo dirigido, uma vez que a figura do orientador estará praticamente apagada. A autora também descreve algumas aplicações do Método de Laboratório, com o objetivo específico de aperfeiçoar a atuação do líder.

Resumindo-se num "exercício de convivência", esta é uma técnica de alto porte, pois, entre todas as ciências, é, sem dúvida, a ciência do bem viver a mais complexa. Diz bem a filosofia popular: "Viver é fácil, conviver é que é difícil".

Em diversos setores da vida em comum, faz-se necessário, pois, esse "training", que, num clima de liberdade, promove a verbalização das percepções, induzindo o indivíduo a uma autoavaliação do seu comportamento. As reações negativas de cada um serão, aos poucos, eliminadas, à medida em que o indivíduo vai se autoanalisando e vai se vendo analisado pelo grupo.

Conforme atesta a autora, no Brasil, esta técnica vem obtendo um sucesso bem razoável.

O trabalho desenvolve-se em várias sessões, dependendo da qualidade do grupo e da originalidade do planejamento do seu treinador.

Desenhos, redações, questionários para serem debatidos, bem como a avaliação das sessões vão constituir o material do método.

Descendo a um exemplo ~~concreto~~, temos o treinador pedindo uma redação sobre o tema: "Quem sou eu", por hipótese. As redações são entregues sem a identificação e são lidas na sessão seguinte, provocando, naturalmente, o desencadeamento de reações emocionais variadas: agressivas, competitivas, conciliadoras, defensivas, etc. Na avaliação posterior destas reações é ^{que} está a força, o valor da técnica.

Gostaríamos de acrescentar que a competência do profissional que aplica uma determinada técnica como esta é requisito que deve ser rigorosamente observado. O ser humano jamais poderá servir de cobaia para experimentadores irresponsáveis e desqualificados, especialmente quando entram em jogo as suas forças psíquicas.

Por outro lado, acreditamos que o emprego do "Grupo-T" deva ser limitado a adultos, pois levá-lo para a sala de adolescentes - desejo já manifestado por alguns - seria um risco, por se tratar de um método que mexe com a sensibilidade, põe em cheque a emotividade dos treinantes e o adolescente ainda não tem estrutura suficiente para aguentar certos impactos emocionais.

Entretanto, mesmo no campo escolar, a ^{técnica} terá a sua utilidade.

A sua aplicação, por exemplo, vem se efetuando, em caráter experimental, num determinado colégio de alto nível da nossa cidade, com um grupo de inspetores de disciplina. De acordo com o que já observamos, apenas fazemos uma ressalva, no sentido de que, o período sendo letivo, não é o mais adequado para este tipo de experimento, uma vez que, como vimos, a técnica ~~pode~~ certas modificações comportamentais que, antes de elaboradas, poderão perturbar, de certa forma, o desempenho dos encargos desses funcionários.

2.10 - Quanto à Psicanálise, método de estudo profundo, não lhe reservamos um lugar prioritário nesta exposição, por se tratar de uma técnica fora do alcance do professor, a não ser como indicação para casos de tratamento extremamente difícil.

Consideramos anacrônica uma descrição do seu processamento, ainda mais que sua importância, hoje, é realmente discutida, em que pese toda estruturação, toda revisão crítica reivindicada por diferentes autores, como Fromm, em "A crise da Psicanálise", Klein, em "Novas Tendências da Psicanálise e outros.

Há tempos, tivemos oportunidade de ler um artigo no Jornal do Brasil, cuja data nos escapa, da autoria de Hélio Pellegrini, que, em linguagem bem adequada ao grande público, colocava com propriedade a Psicanálise, como método de tratamento. Dizia ele que a Psicanálise pode ser considerada como uma forma cirúrgica de psicoterapia, só sendo recomendado o seu uso para casos específicos, da mesma forma como só em certos casos é justificável o cirurgião chegar às vísceras do paciente.

De fato, Psicanálise não é panacéia. Tem as suas limitações. A problemática do neurótico pode levá-lo a envelhecer no consultório do analista. É método lento, dispendioso, que exige primorosa categoria técnica e filosófica da parte do profissional (agulha em palheiro).

Além do mais, hoje podemos contar com outros meios mais simples, mais rápidos, mais naturais, mais "próximos" das Instituições Educacionais, que podem também conscientizar e libertar o adolescente de muitos dos seus conflitos, dos seus problemas.

A psicoterapia não analítica, por exemplo, continua na sua linha de avanço.

Afirma Pellegrini que ela é o efeito decorrente de um contato interpessoal. Que mesmo quando dois amigos batem um papo firme e fecundo, sem o saberem, estão praticando uma legítima atividade psicoterápica, da qual ambos se beneficiam, pois ninguém desconhece o alívio e o bem-estar que podem se seguir a uma boa conversa com um ser que prezamos, respeitamos ou amamos.

Neste caso, diz ele, "não seria correto falar-se em psicoterapia no sentido estrito. Todavia, a ajuda intuitiva que damos e recebemos na nossa vida diária, participa do mesmo substrato psicológico e fenomênico, que permite a existência da Psicoterapia. Esta começa "quando um encontro humano é estruturado e direcionado com intenção terapêutica, nos planos psicológico e existencial. Aí a relação obedece a uma estratégia, uma tática predeterminada, sendo tudo subordinado à intenção de se curar ou aliviar os sofrimentos psíquicos do paciente".

Queremos adicionar a estas considerações tão preciosas a existência dos santos confissionários, que vêm propiciando catarses, aos milhares, de forma ainda mais natural, mais indiscriminada e mais verdadeira.

2.11 - Também os testes, como métodos de estudo do adolescente, merecem aqui uma referência. De fato, não pertencem à seara do professor, a não ser os testes de escolaridade ou rendimento, que são destinados à avaliação da aprendizagem. Os testes de aptidão ou capacidade e os projetivos, principalmente, cujo objetivo é explorar a personalidade, para uma triagem de conflitos, frustrações, problemas encaixam-se também entre os métodos que suscitam polêmica.

Verifica-se, atualmente, tão cerrada oposição aos testes, mesmo da

parte de leigos menos informados, que chegamos a ficar indecisos, quanto a uma tomada de posição: ou o lado de um K. Koch, um Rorschach, uma Anastasi, pela seriedade, dedicação, convicção de suas obras, ou a oposição, participando do anátema, que mais parece parte de um processo de desmontagem e negação das coisas sérias.

Em tom de "blague", costuma o prof. H. Lippmann repetir aos seus alunos: "Mais vale um psicólogo sem testes, que um teste sem Psicologia". Na verdade, não precisamos caminhar muito para encontrarmos a raiz da onda contra os testes, pois ela deve ser mais uma resultante do mau trabalho de improvisadores e falsos psicólogos, pelo abuso do emprego destas técnicas, pelo seu uso indiscriminado, pelas interpretações apressadas, subjetivas, desgastando-se, deste modo, o que seria um bom instrumental em mãos hábeis de profissionais conscientes.

Anne Anastasi, em Psicologia Diferencial, fala-nos sobre os conceitos fundamentais do teste, salientando o problema da precisão ou coerência de um teste e da sua validade, isto é, até que ponto um teste mede realmente aquilo a que se propõe medir.

Eysenck, em Usos e Abusos da Psicologia, abordando o problema da medida da inteligência, complementa isto, dizendo que é preciso varrer de nossa mente uma noção muito arraigada no pensamento popular. Muita gente pensa que os conceitos científicos referem-se a coisas que têm existência real e que a argúcia do cientista está exatamente em isolar e medir essas coisas de fato existentes. Mas, continua, a inteligência não é coisa diretamente existente na natureza, que se possa isolar e medir.

É um conceito que nos parece útil, na descrição do comportamento humano, pois, de fato, as aferições obtidas pelos testes não passam de indicadores técnicos.

Segundo o antropólogo Arthur Jansen, os testes de inteligência revelam-se incapazes de aprofundar o universo cultural de uma pessoa, que só pode ser compreendido na medida em que são investigados todos os elementos formadores de sua personalidade.

Isto não invalida o alcance dos testes, mas nos põe de atalaia, principalmente quando aplicados para estudo do adolescente, onde as interferências deformadoras dos resultados são quase que incontroláveis.

2.12 - Sobre os questionários, método que sempre agradou muito aos americanos, talvez pelo espírito pragmático, queremos dizer que eles vêm prestando uma grande ajuda aos educadores.

Podem ser aplicados individualmente ou em grupo, podem vasculhar qualquer área que se nos apresente com interrogações e são sempre bem recebi-

dos pelos adolescentes. Agrada-lhes falar de si e contemplar aquelas imagações que traduzem muita coisa que eles sentem mas não sabem exprimir.

Tempos atrás, quando os jovens eram menos investigados, "oficialmente", através dos questionários de orientação psicológica, era comum aparecerem questionários confeccionados por eles mesmos, para serem respondidos pelos colegas. As perguntas giravam no plão do sentimentalismo, que explodia no desejo de dar respostas "originais", "brilhantes", "quentes". Todas as respostas eram lidas e quase decoradas, dando margem à contemplação narcísica do "eu" projetado.

Hoje, aproveita-se este gosto, através de questionários planejados por psicólogos e orientadores, para a sondagem profissional, para a investigação de traços de desajuste emocional, sondagem das influências recebidas, etc.

Os questionários, diz Luella Cole em "Psychology of Adolescence", não substituem as entrevistas pessoais, mas podem ser usados como passos preparatórios para as mesmas e servem também para chamar a atenção para aqueles que estão mais necessitados de ajuda.

São, portanto, um método de grande valia, quando seus moldes obedecem a determinadas condições, como:

- perguntas adaptadas ao psiquismo do adolescente
- indagação de fatos nunca distantes da realidade juvenil
- interpretação de respostas nunca ao pé da letra

A título de ilustração do grande alcance das investigações desta técnica, vamos transcrever alguns ítems de um dos questionários propostos por Luella Cole, para sondagem dos interesses pessoais em relação ao trabalho:

- Quais as vantagens e desvantagens de seguir a profissão do próprio pai?
- Dê exemplo, extraído de sua própria experiência, de uma pessoa sem vocação para o trabalho que desempenha.
- Quais as ambições vocacionais que você manifestou em outras idades?
- Descreva o seu melhor e o seu pior professor secundário

2.13 - Há outros métodos de pesquisa do adolescente, ainda mais curiosos, como a Parapsicologia, ciência "imatura", mas apaixonante, cujo objeto são os fenômenos paranormais.

Há a Reflexologia, que através da hipnose, do eletrossone vem tentando recuperar "dependentes", alcoólatras, homossexuais; enfim, vem procurando libertar o homem de toda sorte de condicionamentos negativos.

Todavia, dentro da área escolar, são métodos mais sofisticados que propriamente funcionais. Nós, professores, precisaríamos esticar demasiadamente nossos braços, para alcançá-los como plataforma para a ação de ajuda

ao adolescente.

Portanto, não vamos discutir se a Parapsicologia pode ou não ocultar a verdadeira perturbação nem se a Reflexologia automatiza ou não o homem.

Vamos, simplesmente, deixá-las fora da moldura deste trabalho.

2.14 - E para arremate deste estudo, reservamos algumas considerações sobre a atividade artística, cujo objetivo é muito vasto e cuja valorização como técnica educacional constitui, a nosso ver, o ponto mais alto da última reforma de ensino.

Não devemos confundir educação artística com ensino de desenho ou de modelagem ou de pintura. Arno Stern, na genial obra: "Entre Educateurs", define Educação Artística como a arte de educar as crianças sem que a arte seja o fim desta educação. Ela é, diz ele, uma atividade que pertence à Pedagogia e não à Estética. Seu objetivo é a formação do caráter, a formação da personalidade e não a formação de artistas.

Abonando isto, temos Duquet em "L'Enfant Imagier", dizendo que a educação artística plástica não é ensinada. É descoberta, é encontrada nela própria. Que não se trata de aquisição de uma ciência, mas do livre exercício de uma expressão pessoal. É criatividade.

A atividade artística na escola será, primordialmente, uma terapia preventiva, porque ela é capaz de desencadear um verdadeiro processo de liberação, cujos efeitos positivos logo se fazem sentir. Evidentemente, isto não se restringe ao âmbito escolar, pois chegamos mesmo a crer que as cadeias estão menos cheias, porque muita gente faz música, faz teatro ou se faz de pintor. E certas "Bienais" salvam-se até de apedrejamento, porque seus borrões merecem algum respeito pela intensidade da catarse que realizam.

A criação livre fundamenta as técnicas ludoterápicas e a atividade artística pode ser considerada, por si mesma, como terapêutica, uma vez que os símbolos que ela expressa são a linguagem da alma.

A criança, diz Stern, fará dos seus tormentos, criações artísticas. E como não há criança sem pequenas nágoas, sem queixas, sem problemas, a linguagem plástica vai lhe restaurar o equilíbrio, permitindo-lhe a liberação de tensões e de conflitos.

Koch, no seu livro: "Teste da Árvore", afirma que o desenho projetado contém um resumo do mundo objetivo, que certamente possui íntima afinidade com o esquema espacial da alma. E que a projeção do interior para o exterior não é assunto da vontade consciente.

Logo, a realidade íntima poderá ser pingada, com o lançamento para o exterior de imagens subjetivas, fundidas na obra criada livremente.

A própria repetição é simbólica. Comentando o fato de certos pais e educadores preocuparem-se com crianças que estão constantemente desenhando

as mesmas coisas, Lowenfield e Brittain, em "Creative and Mental Growth" dizem ser isto um brado de alerta. A criança estaria expressando a sua inabilidade para ajustar-se a novas situações, pois as repetições estereotipadas nos desenhos são vistas sempre como dificuldade de ajustamento.

Quanto à atividade criadora, em si, afirmam: ela é mais que uma pintura ou escultura. Ela nos dá parte do próprio indivíduo: como ele pensa, como ele sente, como ele vê as coisas. É mais: ela dará ao indivíduo a habilidade para descobrir, para procurar respostas, em vez de esperar passivamente pelas respostas e direções do professor.

A livre criação é, portanto, um excelente meio de investigação da Hebelogia. A arte é um meio de expressão, é um meio de comunicação, é uma linguagem convencional e universal. Revela o artista e sua ligação com o mundo.

Faz-se mister lembrar que a criança precisa de liberdade para criar. Lembra Stern que o modelo imposto a intoxica e esteriliza, porque ela aprende imitando, mas não aprende a se exprimir por imitação. Daí o respeito que mere-ce a criação infantil e a dificuldade para se preparar o professor para essa atividade, desde que não basta ter sensibilidade. Diríamos que é preciso sa-ber amar os que "brincam de artista!"

Impõem-se condições para esse mestre. Sua presença deve ser doce e discreta, mas positiva e ativa. Nunca deverá portar-se como um crítico, que deprecia, que revela decepção, lembra também o autor. Não deverá desfazer-se em benevolência, pois a criança distingue sinceridade de condescendência. Ca-berá a ele proteger, sem sugerir, evitando toda sorte de comparação, tendo presente a idéia de que cada um tem um ritmo próprio de trabalho e a atividade se esvaziará do seu valor, se tentarmos colocar num compasso de metrônomo personalidades sempre tão diferentes.

Geralmente, o indivíduo criativo é um pensador independente e a sua criação tem um marcado cunho pessoal, diz M.H. Novaes, em "Psicologia da Cria-tividade".

Em "La Peinture D'Enfants", Stern põe-se frontalmente contra toda sorte de recompensa, nota ou conceito para a atividade criadora, consideram-mesmo dolorosos os concursos, cujo objetivo passa a ser, apenas, o de acirrar o maléfico espírito competitivo, visto que a criança não tem necessidade de um júri para medir a intensidade de suas emoções.

Deixemos que na própria arte ela adquira os meios de se autoavaliar.

A atividade deve manter-se agradável, porque só assim permitirá à criança reencontrar o seu equilíbrio. E, quase sempre, a criança encontra mais prazer no exercício da atividade que, propriamente, no seu resultado.

Outro erro imperdoável do mestre seria demonstrar à criança que ela se exprimiu mal ou incompletamente.

A projeção da criança tem sempre um significado para ela.

"Meu desenho não representava um chapéu," diz o Pequeno Príncipe.

"Representava uma gibóia digerindo um elefante". Mas... "eu fora desen-
corajado pelo insucesso"... "...as pessoas grandes não compreendem nada sozi-
nhas e é cansativo para as crianças estar toda hora explicando".

Nem sempre a criança pode traduzir por palavras o que vai na sua alma, porém a simbolização dos seus desejos profundos, muitas vezes, pode ser lida por nós, como um texto na própria língua.

Exemplificamos com o caso de um pretinho de 10 anos, que, ao representar a própria família, desenhou quatro bonecos loiros de olhos azuis: seu pai, sua mãe, sua irmã de tranças longas e ele de cabelos dourados e lisos.

Lowenfield e Brittain dizem que, ao chegar a adolescência, muitos interrompem o trabalho criador. Nesta fase, o indivíduo parece perder o modo infantil de representar simbolicamente, mas a educação artística deverá continuar para todos ainda, como um meio de expressão natural.

A arte continua como espelho da evolução interna. Trabalho artístico não é produto da natureza. É sempre produto do espírito humano. Revela o pensamento e as emoções. Tem um conteúdo psíquico. É uma das mais importantes tarefas da educação artística, será a de introduzir meios e métodos como estímulos, para que não se perca o engajamento com esta atividade.

Dizem os autores referidos que a motivação será efetivada somente incluindo-se as experiências visuais. A arte deverá ser orientada para o aperfeiçoamento. Dar-se-á ênfase à perfeição. Serão aproximados os modelos profissionais. É como a idade é cheia de reações emocionais e cheia de indagações de ordem metafísica, isto poderá ser aproveitado na estruturação de um ótimo programa de arte.

Normalmente, a evolução da linguagem plástica guarda o ritmo da evolução física e intelectual. O vocabulário simbólico utilizado na expressão evolui, transforma-se e se enriquece.

Caso não seja cultivada a linguagem plástica, essa ruptura, esse hiato atrofiará, embotará a faculdade de expressão.

Será utilizado o mundo exterior, na medida em que ele é assimilado através das experiências, mas a expressão vem sempre de dentro. Não necessita da observação, propriamente.

Arte não é cópia, é transformação da natureza.

Vimos, assim, que a promoção da educação artística pela nova Reforma não é fruto de um palpite pedagógico. Resulta do conhecimento de um recurso psicológico de mais alto porte.

Por isto, queremos dizer que nos formamos entre os que aplaudem com entusiasmo essa valorização pautada na dupla função desta atividade, que consiste em permitir uma análise da alma, ao mesmo tempo em que se realiza como processo terapêutico, servindo de antídoto aos múltiplos efeitos de certos erros educacionais.

Isto não significa que um hábil educador não possa estrapolar essa primeira linha de objetivos, acenando, desde os primeiros anos escolares, para o ensino da arte como arte.

3 - Assim, "à vol doiseau", chegamos ao ponto final do nosso estudo sobre os métodos de investigação do Adolescente.

Métodos, como vimos, variados, porém todos limitados.

Muitos, bons. Alguns, já com os "brancos" da caducidade. Outros, talvez inadequados para a nossa área de trabalho.

Todavia, não é do nosso objetivo o escalonamento dos "10 mais"...

Acreditamos que sob a regência de um verdadeiro mestre, toda técnica atualizada tenha, de certa forma, o seu oportuno momento de aplicação, direta ou indiretamente.

O que queremos registrar, como sendo mais relevante é a necessidade de se fazer descer das prateleiras todo instrumental técnico já experimentado, revisto e aperfeiçoado, que só encontra um real significado nas mãos de um verdadeiro operador.

A técnica, em si, "não é mais que um bronze que soa".

Não basta, pois, a técnica pela técnica, como não basta a Reforma pela Reforma. Não basta planejar sem cumprir o planejamento.

Não basta conhecer o adolescente. É preciso mais. É preciso conviver com o adolescente. Trabalhar o adolescente.

Verdadeiro mestre não é quem sabe, apenas. É quem "funciona à plena capacidade".

"Reciclagem de conhecimentos não precisaria haver para o educador, porque ela, em si, nada mais é que uma virada de chave nas cordas de um "robot".

A verdadeira "reciclagem" que se poderia reivindicar para o mestre, seria a de conduzi-lo a uma redescoberta da sua própria missão.

Sem deflagrar uma nova mentalidade, em breve, decretaremos o colapso da própria Reforma (e de outras Reformas...)

Educar não é saber. É agir. É fazer desabrochar. É amar.

Não basta mudar as velhas estruturas, mudar uma antiga sistemática por uma nova sistemática, mudar os métodos, mudar os equipamentos. É preciso mudar o Professor.

O mestre tem que ser um humanista, um homem de bem, um amante da sua arte, para que as oficinas escolares não venham a industrializar "gigantes do pensamento e pignus do coração".

OBRAS MENCIONADAS

- 1 - Debesse, Maurice - "Cómo Estudiar a los Adolescentes"
Editorial Nova - Buenos Aires
1961
- 2 - Spranger, Eduardo - "Psicología de la Edad Juvenil"
Cuarta Edición - Madrid
1954
- 3 - Aberastury, Aminda - "Adolescencia"
Ediciones Kargieman - Buenos Aires
1971
- 4 - Bertrand Russell - "The Autobiography of Bertrand Russell"
Copyright George Allen and Unvrin - New York
1967
- 5 - Gandhi - "The story of my experiments with truth"
Boston
1959
- 6 - J. Havighurst, Robert - "Psicología Social de la Adolescencia"
Unión Panamericana - Washington
1962
- 7 - Beal, Bohlen e Haudabaugh - "Liderança e Dinâmica de Grupo"
Quinta Edição - Zahar
1970
- 8 - Scheffer, Ruth - "Aconselhamento Psicológico"
Segunda Edição - Fundo de Cultura
1970
- 9 - Klein, Josephine - "O Trabalho de Grupo"
Segunda Edição - Zahar
1968
- 10- Moscovici, Fela - "Laboratório de Sensibilidade"
Cadernos de Administração Pública - 59
Fundação Getúlio Vargas
1965
- 11- Anastasi, Anne - "Psicologia Diferencial"
Herder
1965
- 12- Eysenck, H.J. - " Usos e Abusos da Psicologia"
Segunda Edição - Ibrasa
1964
- 13- Cole Luella - "Psychology of Adolescence"
Fourth Edition - Rinehart - New York
1957

- 14 - Stern, Arno - "Entre Educateurs"
Collection "Techniques de l'Education Artistique"- 11
Editions Delachause - Niestle - Paris
1967
- 15 - Duquet, Pierre - "L'Enfant Imagier"
Collection "Techniques de l'Education Artistique"- 2
Editions Delachause - Niestle
3^e Edition
1963
- 16 - Koch, Karl - "Teste da Árvore"
Editora Mestre Jou
1965
- 17 - Lowenfield, Viktor and Brittain, W. Lambert
"Creative and Mental Growth"
Collier Macmillan Student Editions - New York
Fourth Edition
1966
- 18 - Novaes, M. Helena - "Psicologia da Criatividade"
Editora Vozes
1971
- 19 - Stern, Arno - "Aspects et Techniques de la Peinture d'Enfants"
Collection "Techniques de l'education Artistique"
Editions Delachause - Niestle
3^e Edition remaniée
1966
-

